



**TODA ESCOLA TEM ESPAÇO
PARA CADA ESTRELA BRILHAR**

Vivian Alves



Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 42 - Julho de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunistas:

Ana Paula de Lima

Isaac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Daniele Marques dos Santos Barreto

Fabiane Maria Said

Herbert Madeira Mendes

Joseneide dos Santos Gomes

Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva

Mirella Clerici Loayza

Miriam Ferreira

Priscila Paula da Costa da Silva

Rita de Cássia Martins Serafim

Rosângela Adelina dos Santos Oliveira

Rosemeire Santos de Deus Lopes

Sheyla Maria Silva Pimentel

Simone Moreira Garcia

Solange Livolis Garcia Guerreiro

Waldemar Sabalo

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 42 (jul. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 140 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.42

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.42>

A

São Paulo | 2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 APRESENTAÇÃO

Prof^ª. Dra. Andréia Fernandes de Souza

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

08 TODA ESCOLA TEM ESPAÇO PARA CADA ESTRELA BRILHAR

VIVIAN ALVES



ARTIGOS
ARTIGOS

1. INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA DANIELE MARQUES DOS SANTOS BARRETO	11
2. NEUROBIOLOGIA DA EMOÇÃO MUSICAL: O PAPEL DA AMÍGDALA FABIANE MARIA SAID	19
3. UM OLHAR SOBRE A RELEVÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL HERBERT MADEIRA MENDES	27
4. A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO ESCOLAR EM CRIANÇAS COM TEA JOSENEIDE DOS SANTOS GOMES	39
5. AS CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL LIDIANE OLIVEIRA LEOPOLDO DA SILVA	49
6. ALFABETIZAR EM LETRA CURSIVA, POR QUE SIM? MIRELLA CLERICI LOAYZA	57
7. REFLETINDO SOBRE O PAPEL DA ARTE E DA ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO MIRIAM FERREIRA	63
8. O CURRÍCULO NACIONAL E SUAS TENDÊNCIAS ESTRUTURAIS PRISCILA PAULA DA COSTA DA SILVA	71
9. A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL FRENTE ÀS AÇÕES EDUCATIVAS NA VIDA ESCOLAR RITA DE CÁSSIA GONÇALVES PACCOLA	79
10. AQUISIÇÃO DA ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO ROSÂNGELA ADELINA DOS SANTOS OLIVEIRA	87
11. AS CONTRIBUIÇÕES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM TEA ROSEMEIRE SANTOS DE DEUS LOPES	97
12. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL COM BASE NAS PRÁTICAS E ESPAÇO ESCOLAR SHEYLA MARIA SILVA PIMENTEL	103
13. A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL SIMONE MOREIRA GARCIA	111
14. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O ACOLHIMENTO ESCOLAR SOLANGE LIVOLIS GARCIA GUÉRREIRO	119
15. INSUCESSO ESCOLAR NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE LUANDA WALDEMAR SABALO	127

AQUISIÇÃO DA ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

ROSÂNGELA ADELINA DOS SANTOS OLIVEIRA

RESUMO

Este estudo faz uma análise a respeito da alfabetização e do lúdico nos espaços escolares. Para tanto, perpassa, pelo entendimento etimológico do termo, com o propósito de melhor compreender sua evolução até os tempos atuais. E assim, torna-se possível observar que vivenciamos um novo tempo em relação a concepção elitista que perpassava através dos séculos. E seguimos apresentando a etimologia da palavra verso que possibilita o entendimento da literatura numa perspectiva mais aberta, onde a arte literária torna-se um espaço de imaginação, do lúdico e da liberdade. A alfabetização constituída por uma linguagem lúdica, que permite à criança exercitar a imaginação criadora, compreender o sentido conotativo impresso nos diversos textos, portanto torna-se necessário que o professor no espaço da escola institua a experiência de alfabetização, promovendo situações onde os alunos possam compartilhar suas percepções e de algum modo criar laços interativos com a comunidade a qual pertence. Portanto, os professores que atuam em salas de aulas com crianças devem repensar as suas análises em relação à construção da linguagem e alfabetização.

Palavras-chave: Aprendizagens; Desenvolvimento; Educação; Ludicidade.

INTRODUÇÃO

Com o advento da Teoria do Capital Humano - especialmente com o trabalho conduzido por Becker (1964) – observa-se a consolidação de um arcabouço teórico em que a educação desempenhou um papel importante na determinação da pobreza, crescimento de longo prazo, renda per capita e desigualdade de renda dentro e entre países. No entanto, a identificação dessa relação entre educação e renda, por si só, não foi suficiente para a implementação de políticas públicas voltadas para a melhoria das condições de vida das pessoas. A este respeito, há a literatura da Economia da Educação, cujo principal objetivo é identificar os fatores mais importantes para o desenvolvimento das habilidades das pessoas.

Entre esses fatores, o histórico familiar desempenha um papel crucial. De acordo com esses estudos, a influência da família no desenvolvimento das habilidades das crianças é tão importante que o espaço para a ação do setor público parece bastante restrito. Essa perspectiva é particularmente problemática para o Brasil, uma vez que a maioria dos adultos tem baixa escolaridade e vive em condições precárias, o que dificulta o desenvolvimento de habilidades de seus filhos e perpetua o ciclo de pobreza.

Nas últimas duas décadas, tem havido um debate sobre os efeitos da educação infantil nos futuros resultados educacionais. Um número considerável de estudos científicos encontra evidências de que a intervenção educacional no início da infância produz resultados significativos e duradouros no desempenho escolar futuro e até mesmo nos sucessos da vida adulta.

A fase pré-escolar é a época da aquisição de habilidades motoras básicas, os movimentos fundamentais são considerados verdadeiros núcleos cinéticos. Esta capacidade para mover-se cada vez de forma mais autônoma está relacionada com diversos fatores: maturação neurológica que permite movimentos mais completos; Crescimento corporal, que ao final deste período vai permitir maior possibilidade de domínio corporal, facilitando o movimento e disponibilidade em realizar atividades motoras, etc. (RAMOS et al, 2015, p. 5)

Algumas ações já foram realizadas pelo governo federal brasileiro. Para elevar os níveis de escolaridade das crianças e incentivar a admissão escolar precoce, o período mínimo para conclusão do Ensino Fundamental foi recentemente ampliado de 8 para 9 anos, o que diminuiu a idade obrigatória para a admissão escolar aos 6 anos. Além disso, buscou-se ampliar as vagas em creches e pré-escolas e estimular a matrícula escolar de crianças de 0 a 5 anos com a inclusão da educação infantil no FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação)

A alfabetização se refere ao uso funcional, social e cognitivo da linguagem escrita, e que o processo que a torna possível inicia desde muito cedo. As crianças aprendem a partir de seus anos pré-escolares, uma série de habilidades que lhes permitam aprender a ler e escrever através de sua interação com uma comunidade linguística e jurídica. As crianças evoluem para o conhecimento de adultos alfabetizados através da sua participação em atividades de leitura e escrita significativas, bem como através da expressão oral. O desenvolvimento da alfabetização inclui falar, ouvir, ler e escrever, portanto, o desenvolvimento da linguagem é um fator muito importante para alcançar o acesso à linguagem escrita. O lar e a pré-escola, por meio de experiências linguísticas interativas orais e escritas, são responsáveis por preparar as crianças para a alfabetização em sua educação formal.

Entende-se a alfabetização, portanto, como conhecimento e compreensão do mundo através da comunicação e expressão. O processo de alfabetização não é inerente à escola, pois se trata de uma prática social. Os sujeitos, quando chegam à escola, possuem uma gama de conhecimentos que lhes permitam a aquisição e domínio da escrita. Isso porque conhecem a escrita de diferentes modos e possibilidades, dominam a linguagem oral, são capazes de formular pensamentos lógicos e possuem uma percepção de mundo proporcionada pelas interações sociais familiares e com a comunidade onde vivem (Coan e Almeida, 2014, p. 150).

A sociedade continua a reconhecer que o ensino da leitura e da escrita é uma das funções básicas que justificam o próprio ser da escola, porque este ensinamento é fundamental para a aprendizagem de outros conhecimentos. Embora se reconheça agora que

a alfabetização ocorre em diferentes contextos de interação, a escola continua ocupando um lugar preponderante para o desenvolvimento desse processo (Coelho, 2010). Portanto, é essencial para pensar sobre as decisões que podem ser tomadas quando se é responsável por ensinar a ler e escrever na primeira série, porque é aí que são os primeiros passos que os alunos da escola.

Atualmente, reconhece-se que existe uma continuidade no desenvolvimento da linguagem, que começa com o balbúcio, inclui a fala estruturada e contínua com a leitura e a escrita. Na verdade, o período inicial de desenvolvimento da linguagem escrita (pré-alfabetização) é apresentado a partir dos anos pré-escolares com vários contatos que a criança tem dentro de um alfabetizado e intimamente relacionada com o desenvolvimento da sociedade linguagem oral. A influência mútua de ambas as modalidades linguísticas também é reconhecida. Para que uma criança desenvolva habilidades de leitura e escrita é uma condição necessária que se desenvolveu certas habilidades relacionadas à linguagem oral, tais como habilidades fonológicas, descrição de eventos e assuntos, estruturação de frases e sentenças, expressão de ideias que envolvem o uso de conceitos, bem como compreender e expor narrativas logicamente e cronologicamente estruturadas. Mas, por sua vez, o contato com a linguagem escrita resulta em uma melhoria dessas habilidades linguísticas orais, uma vez que as crianças integram no discurso oral estruturas e conceitos mais formais adquiridos por meio da linguagem escrita.

Independentemente da controvérsia relacionada aos métodos de ensino global ou fonético, é necessário ter em mente o que deve ser alcançado no processo de alfabetização. Os resultados da pesquisa fornecem evidências de que os alunos alfabetizados são capazes de desenvolver uma dinâmica para conectar leitura (e escrita) da esquerda para a direita, linha por linha, palavra por palavra, soletrando as palavras e encontrar relações entre letras e sons; e também são capazes de processar letras e palavras, sem demérito de cuidado e compreensão do significado ou o conteúdo da mensagem, fazendo até mesmo prever palavras com base no contexto da leitura e compreensão dos conceitos contidos nos textos (Russo, 2012).

O melhor desenvolvimento de tais habilidades está fortemente relacionada com o desenvolvimento prévio de habilidades como a atenção visual e auditiva, habilidades fônicas, a capacidade de distinguir entre diferentes fonemas e símbolos, compreensão e uso do vocabulário, o desenvolvimento da linguagem em geral, bem como outras habilidades perceptivas e de pensamento. A relação entre as habilidades que a criança desenvolve não é livre, nem a relação do desenvolvimento psicológico geral com as oportunidades oferecidas pelo ambiente social. Esta série de habilidades linguísticas e pré-acadêmicas em crianças pode facilitar a aprendizagem da leitura e da escrita, independentemente do método seguido para o ensino formal.

Daí alfabetização relevante é questão importante a ser considerado em diferentes áreas, uma vez que existe uma preocupação generalizada de que as novas gerações não só conhece e domina, mas permanentemente aplicada na vida cotidiana e, portanto, através do seu uso, podem ser incorporados em um novo contexto caracterizado pela globalização, neoliberalismo e avanços científicos e tecnológicos.

A alfabetização é destacada por ter sido um dos principais meios de abordar a cultura, o conhecimento da realidade e, sobretudo, por se apropriar de elementos teóricos, técnicos, metodológicos e até práticos; portanto, o que antes era para ser alfabetizados nos últimos anos permitiu que a tecnologia da informação utilização e conhecimento (TIC), navegar na net, especialmente considerando-a como uma necessidade para a sobrevivência.

Nesse sentido, fazer com que toda a população tenha acesso à alfabetização é o caminho que alguns países seguiram para se tornarem prósperos, justos, educados e com altos níveis de bem-estar. Por outro lado, os países com grande atraso na alfabetização têm altos índices de pobreza, marginalização, desigualdade e injustiça. Daí a relevância da alfabetização ser um direito que todos os indivíduos do mundo podem acessar e, assim, poder se apropriar de mais elementos de treinamento para enfrentar um mundo complexo, mutável e sobretudo competitivo.

Como dizia Bourdieu (1973), a cultura em que as famílias se desenvolvem, ocupa uma parcela social, cultural e econômica muito importante, uma vez que aqueles que têm maior acesso ao consumo cultural ganhará mais elementos isso lhes permitirá ter maiores oportunidades de sucesso na vida. Postula Bauman (2004) sobre o analfabetismo: os excluídos, os marginalizados, os esquecidos, o invisível, local, desfavorecidos, aqueles com pouca esperança, aqueles que são marginalizados pelo destino, párias prováveis no futuro, aqueles sem o ninguém.

[...] enquanto meras propriedades do repertório lexical, iludem, porquanto não são condição suficiente para 'corporificar' os sentidos. Exclusivamente por meio delas, podemos deixar escapar os acontecimentos a que remetem, a memória histórica a que fazem referência (Zandwais, 2011, p.9)

O ser analfabeto tem muitas desvantagens para viver no século XXI, desde as condições em que se desenvolve, referem-se à idade e conhecimento de informações, sendo um dos meios necessários para a incorporação precisamente as características dos alfabetizados; de outro modo, como tem sido expondo, aumentar a quantidade dos excluídos.

Para compreender a alfabetização, é necessário se referir à raiz etimológica, sendo derivado do grego, uma vez que integra os seguintes componentes: letra alfa, letra beta, e o sufixo, aludindo para indicar a ação e o efeito. Portanto, etimologicamente, a aquisição da leitura e escrita está relacionada ao processo e ao resultado da alfabetização. Nesse sentido, não apenas os processos de aprendizagem, mas também os processos de ensino são integrados para a alfabetização.

Sob esses preceitos etimológicos, entende-se que aqueles que se tornam alfabetizados são aqueles sujeitos que possuem o conhecimento para poder ler e escrever. No entanto, aprender a ler e a escrever não é algo simples, pois exige condições, meios, atitudes, disciplina, conhecimento prévio e, principalmente, habilidades para fazê-lo.

Ser alfabetizado é uma necessidade para se desenvolver no século XXI, dada a interferência das TIC e uma sociedade baseada em informação e conhecimento; portanto, nestes novos tempos, não apenas ler e escrever, mas também o uso de tecnologias e até o

domínio de idiomas como o inglês, o mandarim, o francês, o alemão ou outros, como as línguas indígenas.

A alfabetização, sua prática e seu uso promovem maior capital cultural para aqueles que a possuem, pois permite que eles interajam com diferentes textos, como livros, revistas, folhetos, trípticos etc. Essa interação, hoje em dia, não é feita apenas diretamente e no papel, como em épocas anteriores, mas pode ser feita de forma digital, por diferentes meios, graças às redes.

Isso significa que pessoas alfabetizadas tendem a apropriar-se mais facilmente de elementos teóricos, informação, conhecimento, meios de subsistência, seus direitos; portanto, eles têm uma bagagem cultural maior do que os analfabetos - estes, sem saber ler e escrever, correm o risco de viver na ignorância, com preconceito e fanatismo.

1. PROPOSTAS CONTEMPORÂNEAS: AS INFLUÊNCIAS DA PSICOLOGIA E DA LINGUÍSTICA

A partir dos anos oitenta, o panorama da pesquisa inicial de alfabetização foi aberto ao debate e diferentes disciplinas começaram a contribuir para o assunto. Destacam-se três contribuições contemporâneas que têm em comum reunir influências de outras disciplinas. Estas contribuições correspondem à proposta de Ferreiro e Teberosky (1979).

No final dos anos setenta, duas psicólogas argentinas seguidoras de Piaget iniciaram a pesquisa sobre alfabetização olhando para o primeiro plano a criança e a linguagem escrita como um objeto de conhecimento, concebendo a alfabetização como um processo psicogenético. Abordagem psicogenética do conhecimento aparece como uma conquista para chegar à criança e sua capacidade de reconstruir um objeto através da compreensão de suas leis de composição (Ferreiro; Teberosky, 1979). Os autores propõem-se a explicar, a partir dessa abordagem, o aprendizado da leitura e da escrita, bem como as dificuldades em torno da alfabetização que eles observaram nas escolas. Assim, eles colocam no foco do estudo as concepções da criança,

Na literatura dos anos setenta, a escrita era considerada uma técnica. Uma vez adquirida, essa técnica favorecia o trabalho intelectual, mas durante sua aquisição o pensamento não tinha lugar. Tudo mudou quando conseguimos conceber a escrita como objeto conceitual (FERREIRO, 1996, p.38).

O objetivo primário desses estudos foi compreender a evolução dos sistemas de ideias que as crianças constroem sobre a natureza do objeto social: sistema de escrita. O conhecimento das crianças foi descrito a partir dos dois princípios iniciais que regulam a construção conceitual da escrita: quantidade mínima e variações qualitativas internas, até chegar à fonetização da representação escrita. Esse novo olhar sobre o processo de aprendizagem da linguagem escrita questionou a dicotomia aprender/não aprender, deslocando-a pela compreensão do conhecimento das crianças sobre a escrita, não apenas em seu caráter evolutivo, mas também construtivo.

Em relação à primeira dimensão da análise, a disciplina central que baseia a proposta psicogenética na alfabetização é a psicológica; no entanto, os estudos buscam explicar o que acontece nas salas de aula. Seu ponto de vista combina princípios universais na construção

do conhecimento sobre a escrita com um personagem localizado nele. Teberosky (2000) aponta que a alfabetização não está em um vácuo, mas em um mundo particular, resgatando um aspecto vygotkiano: o desenvolvimento está relacionado com os contextos sociais e educacionais em que os sujeitos crescem.

Finalmente, em relação ao enfoque pedagógico, o processo de aprendizagem que predomina nesses estudos tem várias implicações relacionadas às noções anteriores de alfabetização e letramento, das quais destacamos duas. Segundo “letramento é tudo aquilo que lemos e escrevemos da nossa realidade”. (Souza, 2008, p. 276), como as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto da escrita. O primeiro visa superar a dicotomia da alfabetização no sentido estrito e sentido amplo, o que significa que o domínio do sistema alfabético deve preceder o uso de sentido escritas.

Os níveis de letramento estão relacionados com a qualidade das práticas de leitura e escrita do indivíduo, com a qualidade do texto que lê e escreve, com a frequência e a forma de leitura e de escrita. Além disso, os níveis de letramento variam de acordo com o domínio do código escrito: sujeitos com níveis mais altos de letramento geralmente apresentam mais tempo de escolaridade, o que permite concluir que o nível de letramento está (de certa forma), relacionado com o grau de escolaridade. (RIBEIRO 2001, p. 217)

Em relação à perspectiva de alfabetização, em um sentido universal desde processos cognitivos e meta surgem a cada leitor e produtor experiência e são favorecidos nas fases das propostas: os regimes a) processos de ativação antes do conhecimento/anteriores, b) os processos de fabrico e estrutura de formulação de hipóteses e identificação/inferências marcas linguísticas, c) processos de avaliação e controlo-regulação de tarefas. No entanto, há também um campo situado como é valorizado acima de tudo, a contextualização de ler e escrever usando Pedagogia de Projetos em sala de aula. Cada leitura de texto tem um contexto pelo qual tem vindo a ser lido por esse grupo específico, portanto, ser interpretado de acordo com os seus parâmetros da situação de comunicação.

A escola surge como uma instituição que contribui, efetivamente, para o desenvolvimento do aluno, auxiliando a construção de capacidades motoras, afetivo-sociais e cognitivas. Dentro desse âmbito a relação social se amplia e o aluno, na interação com outras crianças e com os professores, constroem conhecimentos e constituem sua identidade. Na teoria histórico-cultural, segundo Vygotsky, o conhecimento é construído através da interação do sujeito com o meio e com o outro mais experiente, como desencadeador do desenvolvimento sociocognitivo. Todo o desenvolvimento é impulsionado pela linguagem tornando-se possível ver o homem como um ser histórico e cultural. Segundo Vygotsky (1996) o desenvolvimento está atrelado à aprendizagem e é o processo de aprender que gera as organizações mentais, enquanto para Piaget (1971) a estruturação do organismo precede ao desenvolvimento.

2. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ESCRITA

O conceito de escrita sofreu variações consideráveis em sua definição ao longo da história. De uma perspectiva tradicional, a escrita foi entendida como a transferência da

linguagem oral para os signos gráficos. É a partir da última década que essa concepção é reformulada, entendendo a linguagem escrita como uma linguagem diferente da linguagem oral (Soares, 2017). A linguagem escrita não é considerada apenas como a transcrição direta da linguagem oral, mas como objeto de conhecimento sociocultural.

Ferreiro e Teberosky (1991) têm mostrado que a representação escrita é uma construção ativo pelo sujeito, caracterizado por uma sequência que começa evolutivamente antes de a criança está exposta à ação sistêmica de instrução. Nesse sentido, as crianças, quando começam a aprender formalmente a escrever, já possuem algum conhecimento prévio adquirido da interação com outras pessoas em diferentes contextos de desenvolvimento. A maioria das crianças, ao iniciar a escola, sabe que a escrita consiste em uma série de grafias que, em nossa cultura, são organizadas seguindo uma linha horizontal da esquerda para a direita e reconhecem que tipo de objetos são escritos.

Pode-se dizer que essa nova metodologia compartilha da ideia de letramento nessa etapa da Educação como forma de alfabetização, mas com o detalhe de que o contato direto com a forma escrita também é essencial para que a criança apreenda o que está sendo proposto, ressignifique e reconheça significados e sentidos. Ou seja, é uma proposta de ensino sistemático, o que remete ao Sistema de Escrita Alfabética, mas atrelado com a realidade e com o mundo da criança, efetivando-se o conceito de letramento (Brandão e Leal, 2010).

Além disso, se eles estão ouvindo crianças, eles têm uma quantidade considerável de linguagem oral que adquiriram naturalmente em seu ambiente. A competência linguística anterior influenciará a aquisição da linguagem escrita. A informação auditiva que a criança ouvinte percebe também facilita a construção de representações fonológicas. Segundo Val (2006, p. 21):

A apropriação da escrita é um processo complexo e multifacetado, que envolve tanto o domínio do sistema alfabético-ortográfico quanto a compreensão e o uso efetivo e autônomo da língua escrita em práticas sociais diversificadas. A partir da compreensão dessa complexidade é que se tem falado em alfabetização e letramento como fenômenos diferentes e complementares.

Assim, "a linguagem escrita pode ser caracterizada, como todas as línguas, como um sistema arbitrário estruturado para representar a realidade-ideias, objetos, fatos de experiência" Val (2006, p. 30) e para a comunicação entre os seres humanos sinais que compartilham o conhecimento de sua operação. A linguagem escrita é expressa através da escrita, assim como a linguagem oral é revelada através da fala. A linguagem escrita usa significantes gráficos para serem vistos, enquanto a linguagem oral usa significantes sonoros para serem ouvidos. Ambas as línguas são uma expressão da linguagem, são duas formas alternativas de linguagem.

A partir dessas interpretações, você não pode identificar a escrita com a cópia de um modelo. Não a cópia passiva de uma gráfica, mas a criança quando ele escreve, coloca suas suposições sobre o significado dessa representação gráfica. Além disso, "A língua escrita tem

termos que são eles próprias expressões complexas, o uso de um determinado tempo verbal, ritmo e continuidade própria" (Ferreiro; Teberosky, 1991).

Escrever não é apenas um discurso escrito, implica uma relação entre linguagem e pensamento, diferente do que ocorre em uma conversa. Vygotsky (1978), justifica que a linguagem escrita está intimamente ligada à linguagem oral, uma vez que ambas são socialmente iniciadas. Mas a linguagem escrita não é apenas linguagem falada, mas pode ser considerada como um segundo sistema de símbolos que emergem de um complexo desenvolvimento de habilidades simbólicas. Linguagem escrita e linguagem falada são línguas diferentes, que têm semelhanças e diferenças. Entre as semelhanças gerais estão aquelas que derivam das características universais que todas as línguas humanas têm em comum. Para Kishimoto:

As crianças adquirem a linguagem falada, ouvindo e interagindo com outros na linguagem da família ou comunidade, brincando de faz de conta em casa ou na escola. A aprendizagem da linguagem escrita pode ocorrer em casa ou na escola, por meio de escrita e leitura de cartas e cartões, internet, catálogos, cartas, receitas, guias de TV, lista de supermercado, jornais, jogos eletrônicos, de tabuleiro, livros, revistas, jornais ou até fazendo um trabalho doméstico. (KISHIMOTO, 2010, p. 25).

E, certamente, a compreensão é um elemento fundamental para garantir o sucesso da comunicação. "Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz uso formal da escrita" (Marcuschi, 2001, 25). Consequentemente, a linguagem escrita é uma linguagem, mas, é uma linguagem particular, diferente em certos aspectos das línguas naturais, cuja origem, em princípio, não tinha o tipo de relação com a linguagem oral que nossos escritos alfabéticos podem ter atualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento de reflexão em torno desta pesquisa, é imprescindível retomar a questão central: qual a compreensão de alfabetização e letramento das educadoras e professoras da Educação Infantil e como esta concepção se reflete na prática? As análises decorrentes desta questão caminham para afirmar o quanto é necessário investir na questão da alfabetização e letramento, principalmente no que se refere à formação, visando que os profissionais adotem uma nova prática de ensino da leitura e escrita.

Em um universo de pluralidades como o da escola, há busca constante de realização da pessoa e suas singularidades, ao mesmo tempo em que se estabelecem contribuições para o avanço do gênero humano. O significado e o sentido do trabalho docente estão sempre ancorados nos fins sociais mais amplos, ainda que não se tenham clareza de tais propósitos. E nesse caso, a formação continuada pode atuar como espaço de ação, intermediando a discussão dos aspectos condicionantes da atividade do professor, buscando a exploração dos limites e das possibilidades oferecidos pelas condições existentes e investindo na promoção de transformações para além das condições dadas no espaço e tempo presentes (GROSCH, 2018. p. 73).

Destaca-se que a alfabetização e o letramento se fizeram presentes na prática docente, principalmente das profissionais que além dos saberes advindos de diversas matizes, as que apresentaram uma boa formação (inicial e continuada), os que buscam o conhecimento e realizam leituras. Estas promoveram experiências contextualizadas a práticas de letramento, observou-se uma relação entre o discurso e a prática pedagógica que se aproximam da sugerida por Soares. Em contrapartida, também pode ser observado profissionais que possuem fragilidades na sua formação (inicial, continuada), o que reflete diretamente na bagagem teórica que carregam consigo. Mas, as mesmas realizam práticas de leitura e escrita voltadas para o letramento, e está se deve pelos seus saberes construídos na experiência. Os espaços onde esses saberes e conhecimentos se constroem são vários.

No que tange a alfabetização e ao letramento não deixa de ser diferente. Em outras situações, encontrei indícios da ineficiência da formação às quais as professoras envolvidas tiveram acesso. Algumas não sabem o que é letramento, muito menos como incorporá-lo às suas práticas.

A distinção e polarização entre tais termos, definindo o brincar como característico da criança pequena, a ser desenvolvido na educação infantil, contraposto ao alfabetizar, entendido como trabalho sistemático de apropriação da língua escrita, prática restrita ao ensino fundamental, não se expressa na ação da criança. A criança, ao mesmo tempo em que empresta um sentido lúdico às práticas de letramento que se fazem presentes na educação infantil, demanda um trabalho mais sistemático com a língua escrita, investindo-a de uma dimensão lúdica.

A construção da escrita e da leitura não tem idade para começar, tudo depende da maturidade dos alunos, mas essa aprendizagem sistêmica pode muito bem começar na Educação Infantil para que posteriormente a criança consiga um maior desenvolvimento e um melhor rendimento nas aulas e conseqüentemente em sua alfabetização.

Para finalizar, esperamos que nosso trabalho possibilite a ampliação do diálogo, sempre necessário, sobre como percebemos as crianças, o que entendemos por infância, em especial por primeira infância e, sobretudo, sobre a forma como materializamos o direito delas de se formarem como membros da cultura escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, G.S. e LEWIS, H.G. On the interaction between the quantity and quality of children, *Journal of Political Economy*, 82 (2, part 2), S279–88, 1973.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- REVER ESTA BRANDÃO, Ana Carolina Perrus e LEAL, Telma Ferraz (Org.). Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa? In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: Discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Cap. 1, p. 13-31.
- CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- COAN, I. B. F. e ALMEIDA, M. de L. P. de. **Alfabetização com letramento**: uma análise à luz da Proposta Curricular de Santa Catarina. Curitiba: CRV 2014.
- COELHO, Silmara. O processo de letramento na educação infantil. **Pedagogia em ação**, v. 2, n. 2, p. 1-117, nov. 2010.
- FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. Consciência fonológica na educação infantil: desenvolvimento de habilidades metalinguísticas e aprendizado da escrita alfabética. In: BRANDÃO, A.C.P; E.C.S (org.). **Ler**

e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

RAMOS, F. Pa. Educação alimentar e nutricional em escolares: uma revisão de literatura. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 29 (11), 2147-2161, 2013.

RIBEIRO, Vera Mazagão (org.) **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2001.

RUSSO, M. F. de **Alfabetização:** um processo em construção. São Paulo: Saraiva. 2012.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, M. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social (18a ed.). São Paulo: Contexto, 2017

SOUZA, R. A. M. de. Letramento na educação infantil: quem tem medo do lobo mal. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, Goiás, n. 33, p. 265-279, jul./dez. 2008.

VAL, M. G. C. da. Alfabetização e letramento. In CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: MEC, 2006.

VYGOTSKY, L. (1996). **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes

ZANDWAIS, A. Da língua ao discurso nos limites da sintaxe: as tênues fronteiras entre discursos citados e citantes. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.5, p.4-19, 1º semestre 2011.

Rosângela Adelina dos Santos Oliveira - Licenciada em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul, UNICSUL. Pós graduada em Políticas Públicas para Educação. Especialização em Educação Inclusiva e Alfabetização e Letramento pela Faculdade Campos Elíseos, FCE. Professora de Educação Básica na Prefeitura Municipal de Guarulhos, PMG.
Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

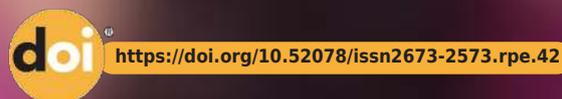


ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Daniele Marques dos Santos Barreto
Fabiane Maria Said
Herbert Madeira Mendes
Joseneide dos Santos Gomes
Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva
Mirella Clerici Loayza
Miriam Ferreira
Priscila Paula da Costa da Silva
Rita de Cássia Martins Serafim
Rosângela Adelina dos Santos Oliveira
Rosemeire Santos de Deus Lopes
Sheyla Maria Silva Pimentel
Simone Moreira Garcia
Solange Livolis Garcia Guerreiro
Waldemar Sabalo



Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

